

Em Tese


APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ TEMÁTICO: PENSAMENTO SOCIAL BRASILEIRO: INTELECTUAIS, CULTURA E POLÍTICA

Presentation of the Thematic Dossier: Brazilian Social Thought: Intellectuals, Culture, and Politics

Presentación del Dossier Temático: Pensamiento Social Brasileño: Intelectuales, Cultura y Política

Erivan Cassiano Karvat

Professor Associado do Departamento de História
Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)
eckarvat@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-2563-1565> 

Hilton Costa

Professor Associado do Departamento de Ciências Sociais
Universidade Estadual de Maringá (UEM)
hcosta@uem.br

<https://orcid.org/0000-0002-2140-7729> 

Maro Lara Martins

Professor Adjunto do Departamento de Ciências Sociais
maro.martins@ufes.br

<https://orcid.org/0000-0001-5898-6632> 

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo 

O Pensamento Social Brasileiro constitui um campo fértil e essencial para a compreensão não apenas da formação nacional, mas também dos dilemas, projetos e contradições que perpassam a sociedade brasileira no contemporâneo. Este dossiê da *Revista Em Tese* se propõe a explorar a vitalidade e a complexidade desse campo intelectual a partir de múltiplas perspectivas e escalas de análise. Ao reunir investigações que vão desde a obra de pensadores clássicos, como Darcy Ribeiro e Josué de Castro, até a análise da produção científica em revistas médicas e na imprensa periódica, o dossiê busca mapear os circuitos, os debates e as ideias-força que têm configurado o campo de estudos sobre o pensamento social. Os artigos aqui apresentados dialogam com tradições intelectuais estabelecidas enquanto lançam luz sobre agentes, veículos e temas por vezes situados nas margens do cânone, revelando assim a dinâmica e a disputa inerentes à

produção do conhecimento social sobre o Brasil. Este volume, ao incluir desde estudos sobre a representação da escravidão no século XIX até reflexões sobre os desafios políticos do presente, confirma que o Pensamento Social Brasileiro permanece um instrumento crítico indispensável para interpretar o passado, interrogar o presente e imaginar futuros possíveis.

Para este dossiê, foram reunidos 8 artigos, uma entrevista, uma resenha e uma tradução. O artigo de Luiz Otávio Pereira Rodrigues, *Darcy Ribeiro e o dilema latino-americano: a superação do subdesenvolvimento analisa a trajetória e o pensamento de Darcy Ribeiro*, destacando como sua obra *O Dilema da América Latina*, publicada em 1983, sintetiza uma teoria crítica e engajada para a superação do subdesenvolvimento na região. Partindo de uma revisão diacrônica que entrelaça a vida intelectual e política de Darcy Ribeiro, desde seu trabalho indigenista, sua atuação na educação com Anísio Teixeira e na criação da UnB, até seu exílio durante a ditadura civil-militar, o autor demonstra que o núcleo da proposta darcyniana reside na rejeição a modelos eurocêntricos. Darcy Ribeiro diagnosticou a condição latino-americana como fruto de uma modernização reflexa, uma dependência cultural e tecnológica que reproduz o atraso, e contrapôs a ela o projeto de uma aceleração evolutiva, um caminho autônomo de desenvolvimento que deveria ser liderado por uma universidade transformadora e por uma ciência comprometida. Rodrigues ressalta que, para Darcy Ribeiro, a ruptura com as estruturas de poder oligárquicas e neocoloniais exigiria uma via socialista, concluindo que seu legado é a defesa intransigente de um projeto político-intelectual emancipatório, no qual a identidade cultural latino-americana seja a base para a invenção de um futuro soberano e autônomo.

O artigo *A produção dos cientistas sociais na imprensa carioca (1940 -1960)* de

Ricardo Augusto Galdino Maciel, investiga a presença e o impacto dos cientistas sociais nos suplementos literários da imprensa carioca entre as décadas de 1940 e 1960, argumentando que esse espaço foi fundamental para a legitimação pública e consolidação institucional das ciências sociais no Brasil. Por meio de uma análise empírica que mapeia a produção e as redes de citação de intelectuais como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Manuel Diégues Júnior, o estudo demonstra que os suplementos, especialmente do Diário de Notícias, funcionaram como um circuito comunicativo vital, mediando o diálogo entre os especialistas e um público amplo e favorecendo a sistematização do campo. A concentração da produção na década de 1950 reflete tanto o auge desses suplementos quanto a crescente demanda social por diagnósticos científicos, enquanto o declínio nos

anos 1960 coincide com a especialização acadêmica e a perda de centralidade desse formato jornalístico.

O texto de Thaisa Ragone Azevedo, intitulado *De vizinhos perigosos a exemplares: a representação da América Latina nos discursos de Paulo Guedes como colunista*, analisa a representação da América Latina nos discursos do economista Paulo Guedes em suas colunas publicadas entre 2005 e 2016, demonstrando como ele constrói uma narrativa de excepcionalismo brasileiro que diferencia o país de seus vizinhos. Por meio de uma análise discursiva, a autora identifica que Guedes elabora uma visão seletiva e negativa da região, caracterizando experiências como o chamado socialismo bolivariano na Venezuela, Bolívia e Argentina como sinônimos de autoritarismo, descontrole econômico e irracionalidade populista, utilizando estas como um contraponto simbólico para defender um modelo liberal e de Estado mínimo. Paralelamente, ele exalta o Chile, por sua herança neoliberal inaugurada durante a ditadura de Pinochet, apresentando o como um caso de sucesso e modelo a ser seguido pelo Brasil. A pesquisa também destaca a contraditória proposta de integração regional de Guedes, centrada na criação de uma moeda única, o peso real, que reflete uma visão tecnocrática e hierárquica, na qual o Brasil assumiria uma posição de liderança para impor uma convergência institucional baseada em preceitos neoliberais. O artigo conclui que essa representação da América Latina como um espelho invertido e ameaçador não é apenas retórica, mas fundamenta um projeto político econômico que busca justificar o alinhamento do Brasil com economias centrais e promover internamente reformas de caráter radicalmente liberal, influenciando tanto o debate público quanto as orientações de política externa e econômica.

O artigo escrito por Rafael Gomes Nogueira Pereira, *Maurício Tragtenberg, leitor de Max Weber: a educação em tempos racionalizados*, analisa a influência de Max Weber no pensamento de Maurício Tragtenberg, especialmente no que se refere à burocracia como forma de dominação racional legal no capitalismo e suas implicações para a educação. Tragtenberg, partindo de uma leitura weberiana mediada por perspectivas marxistas heterodoxas, compreende a burocracia como um mecanismo central para a organização produtiva e o controle social. No campo educacional, essa burocratização se manifesta na escolarização que prioriza a disciplinarização dos corpos, a transmissão de saberes técnicos e a reprodução das relações sociais de produção, utilizando exames e vigilância como instrumentos de poder. Diante desse cenário, Tragtenberg propõe uma pedagogia libertária fundamentada na autogestão, na autonomia dos indivíduos e na solidariedade, visando desconstruir a hierarquia escolar e promover uma educação horizontal e

emancipatória, em contraste com o modelo burocrático que compara à labiríntica e opressiva arquitetura do castelo kafkiano.

Tito Galvanin Neto realiza em *Da fome ao caos: uma análise crítica do ODS2 da Agenda 2030 sob a perspectiva da teoria de Josué de Castro* uma reflexão do Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 2 (ODS2) da Agenda 2030, que busca erradicar a fome e promover a agricultura sustentável, a partir da teoria do pensador brasileiro Josué de Castro. O estudo argumenta que as estratégias da ONU, centradas em abordagens tecnocráticas, produtivistas e economicistas, tratam a fome como um problema técnico e de produtividade agrícola, negligenciando suas raízes estruturais e políticas. Com base na obra de Castro, que compreende a fome como um fenômeno intrínseco ao subdesenvolvimento, resultante de relações históricas de dominação, colonialismo e desigualdade, o artigo demonstra que o ODS2 omite questões fundamentais como a concentração fundiária, o poder das corporações transnacionais e a necessidade de reforma agrária e soberania alimentar. Conclui-se que, apesar dos avanços discursivos, a Agenda 2030 carece de um enfoque emancipatório e transformador, perpetuando uma visão despolitizada que não enfrenta as causas profundas da insegurança alimentar, reafirmando assim a atualidade e a relevância do pensamento crítico de Josué de Castro para a compreensão e o combate à fome no mundo contemporâneo.

Pensar pela raiz: ciências sociais, pensamento radical e os sentidos da esquerda frente à extrema-direita no Brasil, de autoria de André da Rocha Santos, analisa a constituição do campo de estudos sobre o pensamento social e político no Brasil, destacando seu desenvolvimento nas ciências sociais a partir dos anos 1970 e sua importância para a compreensão crítica dos dilemas históricos do país. Foca especificamente no pensamento radical, conforme formulado por Antonio Candido e Michael Löwy, entendido como uma vertente que questiona as estruturas fundantes da ordem social e política, articulando interpretação e transformação. A tradição radical, representada por intelectuais como Caio Prado Júnior, Florestan Fernandes e outros, buscou interpretar criticamente as contradições brasileiras e engajar-se em projetos de mudança social. O texto também examina os desafios contemporâneos da esquerda brasileira diante da ascensão da extrema direita e do discurso antipolítico, marcados por eventos como as manifestações de 2013, o impeachment de 2016 e a eleição de Jair Bolsonaro. André da Rocha Santos argumenta que, em um contexto de ruptura democrática e fragmentação política, o legado do pensamento radical permanece essencial para repensar a esquerda, rearticular suas bases sociais e formular alternativas

transformadoras, reafirmando a urgência de pensar "pela raiz" como tarefa intelectual e política.

Em seu artigo, *A peça "Mãe" de José de Alencar: um olhar sobre o lugar da mãe escravizada no Brasil do século XIX*, David Soares Simões analisa a peça teatral *Mãe* (1860) de José de Alencar, investigando a representação da mulher negra escravizada e mãe no Brasil do século XIX. Através de uma análise textual e contextual, mediada por debates sobre gênero e colonialidade, o estudo examina a personagem Joanna, uma escravizada que esconde ser a mãe de seu próprio senhor, Jorge. A peça revela as complexas hierarquias sociais, raciais e de gênero da época, onde a maternidade de Joanna se confunde com sua condição de propriedade, destacando o paradoxo de sua humanização pelo afeto e sua desumanização pela lógica escravista. A análise demonstra como a obra, mesmo com seu propósito moralizador e perspectiva conservadora, expõe a inexistência de um lugar social para a mãe escravizada, cujo desfecho trágico por autossacrifício simboliza a exclusão fundante daquela sociedade. O artigo situa a peça no projeto intelectual de Alencar e no debate abolicionista, concluindo que a representação de Joanna evidencia as contradições de uma formação social marcada pela colonialidade.

Por sua vez, Davilene Santos, no artigo *Reflexos da especialização da ciência brasileira na Gazeta Médica da Bahia (1900-1934)*, analisa os reflexos da especialização da ciência brasileira na trajetória da revista *Gazeta Médica da Bahia* entre 1900 e 1934. Fundada em 1866 com um perfil editorial generalista e abrangente, a publicação enfrentou um cenário científico e cultural transformado no início do século XX, marcado pela crescente fragmentação do conhecimento e pela valorização das especialidades médicas. Utilizando o Paradigma Indiciário de Carlo Ginzburg e aportes da Sociologia da Ciência de Pierre Bourdieu, o estudo demonstra que, além de fatores econômicos e editoriais, a pressão pelo modelo do especialista e o surgimento de periódicos científicos voltados a nichos específicos contribuíram para o declínio e a perda de credibilidade da *Gazeta*. A revista, que outrora reuniu temas diversos como medicina tropical, higiene pública, pediatria e debates sobre educação superior, viu sua abordagem ampla tornar-se um entrave em um contexto que incentivava a segmentação do saber. A morte de figuras centrais como Antonio Pacífico Pereira e a dificuldade de adaptação às novas demandas da comunicação científica na década de 1930 aceleraram seu desaparecimento em 1935, simbolizando a transição de um modelo generalista para um paradigma especializado na ciência brasileira.

Na resenha publicada no dossiê, *Rebobinar a catástrofe: sobre heranças e ferramentas*, Juliano Lima Schualtz aborda o livro *História potencial: desaprender o*

imperialismo, de Ariella Aïsha Azoulay, destacando os três capítulos traduzidos para a edição brasileira. O texto apresenta a proposta central da autora de uma história potencial, que se contrapõe à temporalidade linear e progressista do imperialismo, propondo em seu lugar um gesto de rebobinar a catástrofe por meio da reversão, da reparação e do compartilhamento de mundos. Azoulay entende o imperialismo como uma maquinaria política, epistemológica e ontológica, cuja tecnologia seminal é comparada ao obturador de uma câmera, por seu poder de recortar, separar e obliterar formas de vida. A autora defende a necessidade de desaprender essa herança imperial, recusando seu vocabulário neutro e suas ferramentas, como o arquivo tradicional, e promovendo, em vez disso, práticas de desarquivamento, concidadania e lutas por reparação que restitua a conexão com os antepassados e a possibilidade de um mundo comum. O trabalho é situado como uma intervenção ética e política que insiste no imperdoável dos crimes históricos como condição para uma habitação plural e compartilhada do presente.

Entre manuais, trajetórias e pensamento social brasileiro: entrevista com Simone Meucci, a entrevista do dossiê teve como foco a trajetória da professora Simone Meucci da Universidade Federal do Paraná, referência inestimável da área de pensamento social brasileiro. A entrevista realizada por Emilly Gabriela Menezes Franco, Erivan Cassiano Karvat, Hilton Costa e Maro Lara Martins. Nesta entrevista, a socióloga Simone Meucci reflete sobre sua trajetória acadêmica e sua inserção no campo do pensamento social brasileiro, área que descobriu durante a graduação em Ciências Sociais na UFPR, impulsionada por disciplinas como sociologia brasileira e pela participação no PET, Programa de Ensino Tutorial – o PET é um programa do Governo Federal, posto a organizar e financiar grupos de estudantes de graduação em Instituição de Ensino Superior para desenvolver atividades de ensino, pesquisa e extensão. Sua pesquisa se consolidou a partir do estudo dos manuais de sociologia, objetos marginais que a levaram a investigar a institucionalização do ensino da disciplina e suas relações com interpretações do Brasil, aproximando pensamento social e pensamento educacional. Influenciada por orientadores como Octavio Ianni e Elide Rugai Bastos na Unicamp, Meucci desenvolveu um olhar singular que combina análise de cânones, como Gilberto Freyre, com temas menos convencionais, como livros didáticos, diretrizes curriculares e projetos de lei. Atualmente, sua agenda articula três eixos: a produção canônica do pensamento social, a teoria do currículo e a análise de fontes primárias legislativas, buscando compreender como ideias são apropriadas em políticas educacionais e disputas culturais. Ela reconhece a riqueza e a interdisciplinaridade da área, destacando sua capacidade de dialogar com questões

contemporâneas, como as guerras curriculares e a divulgação científica, mantendo um compromisso com a educação básica e a formação docente.

A tradução do dossiê, o artigo *Do trauma histórico* de Sabina Loriga foi realizada por Nívio de Campos e Oriomar Skalinski Junior. Neste texto, Loriga traça a evolução histórica e conceitual da noção de trauma, desde suas origens médico-cirúrgicas no final do século XIX até suas apropriações contemporâneas nas ciências sociais, na psicanálise e nos estudos culturais. Inicialmente associado a lesões psíquicas decorrentes de acidentes e choques violentos, o conceito foi sendo ampliado para abranger experiências coletivas como as neuroses de guerra, o trauma dos sobreviventes dos campos de concentração e, posteriormente, o transtorno de estresse pós-traumático, reconhecido oficialmente em 1980. A reflexão sobre o trauma histórico destaca seus aspectos específicos, como a ruptura dos laços sociais, a degradação da condição humana e a dificuldade de representação e comunicação da experiência traumática. O texto também discute a transmissão intergeracional do trauma, a ideia de pós-memória e a construção social do trauma cultural, conforme proposto por autores como Jeffrey Alexander e Neil Smelser. Paralelamente, alerta para a banalização e a expansão excessiva do termo, que passa a ser aplicado a uma variedade crescente de eventos, nem sempre vividos diretamente, o que pode levar a uma estetização ou simplificação do sofrimento real. Por fim, são levantadas questões críticas sobre a memória traumática, a complexa temporalidade do trauma (com o conceito freudiano de *Nachträglichkeit*) e os desafios e riscos envolvidos no ato de narrar publicamente experiências traumáticas, muitas vezes mediado por instituições políticas e midiáticas que buscam uma catarse ou reconciliação nem sempre adequada às necessidades das vítimas.

Os artigos que compõem este dossiê demonstram, em conjunto, que o Pensamento Social Brasileiro é muito mais do que um repertório de obras consagradas. É um campo vivo de produção intelectual, marcado pela diversidade de suportes, agentes e questões.

A análise de trajetórias individuais, de debates públicos na imprensa, de representações literárias e da institucionalização do saber revela um panorama complexo, no qual as ideias sobre a nação são permanentemente construídas, contestadas e reelaboradas. A entrevista que encerra a seção principal, ao discutir manuais e percursos, reforça a natureza coletiva e didática deste campo, sublinhando seu papel na formação de novas gerações de pesquisadores. Como demonstra a tradução do artigo *Do trauma histórico*, que acompanha este dossiê, o diálogo com perspectivas teóricas internacionais pode enriquecer e complexificar nossa leitura das experiências sociais locais. Por fim, este

conjunto de trabalhos aponta, de modo enfático, que abordar o Pensamento Social Brasileiro é, em última instância, engajar-se em um exercício reflexivo sobre os processos históricos de longo prazo e os impasses urgentes do nosso tempo.



NOTAS

Erivan Cassiano Karvat

Professor Associado do Departamento de História
Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)
eckarvat@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-2563-1565>

Hilton Costa

Professor Associado do Departamento de Ciências Sociais
Universidade Estadual de Maringá (UEM)
hcosta@uem.br
<https://orcid.org/0000-0002-2140-7729>

Maro Lara Martins

Professor Adjunto do Departamento de Ciências Sociais
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)
maro.martins@ufes.br
<https://orcid.org/0000-0001-5898-6632>

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Em Tese** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution 4.0 Internacional \(CC BY\)](#). Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

